FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24404982**

Dossiê Temático: Educação Inclusiva: Práticas, Políticas e Tecnologias para a Equidade Educacional

DIVERSIDADE GERACIONAL E INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS, DIFICULDADES E CONQUISTAS DE ESTUDANTES COM MAIS DE 40 ANOS NA UNESPAR – PARANAGUÁ, PR

Generational diversity and inclusion in higher education: challenges, difficulties and achievements of students over 40 at UNESPAR – Paranaguá, PR

Iluana Santina Veiga Dolenga [1]

Denise Maria Vaz Romano França [2]

Resumo: O estudo analisa desafios, dificuldades e conquistas de estudantes com mais de 40 anos no ensino superior, considerando a diversidade geracional como dimensão da inclusão e da equidade educacional. Objetivou-se compreender as experiências de alunos dessa faixa etária na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campus de Paranaguá. Trata-se de pesquisa descritivo-exploratória, predominantemente qualitativa, com apoio quantitativo. Participaram 12 estudantes, entre 43 e 63 anos, que responderam a questionário on-line. As questões abertas foram examinadas pela Análise de Conteúdo de Bardin (2016), originando quatro categorias: motivações para o ingresso; adaptação tecnológica e acadêmica; conciliação entre estudo, trabalho e família; e preconceito etário e pertencimento. Os resultados evidenciam que o retorno à universidade se relaciona à realização pessoal e à retomada de projetos adiados, mas envolve barreiras tecnológicas, acadêmicas, familiares e manifestações de etarismo. Também emergem autonomia, autoestima, apoio e pertencimento. Conclui-se que ampliar o acesso exige práticas institucionais sensíveis às diferentes trajetórias e idades, favorecendo permanência, participação e reconhecimento no espaço universitário.

Palavras-chave: Ensino superior. Diversidade geracional. Inclusão educacional. Etarismo. Permanência.

Abstract: This study analyzes the challenges, difficulties and achievements of students over 40 in higher education, considering generational diversity as a dimension of inclusion and educational equity. It aimed to understand the experiences of students in this age group at the State University of Paraná (UNESPAR), Paranaguá Campus. This is a descriptive-exploratory study, predominantly qualitative, with quantitative support. Twelve students aged 43 to 63 answered an online questionnaire. Open-ended responses were examined through Bardin's (2016) Content Analysis, resulting in four categories: motivations for enrollment; technological and academic adaptation; reconciliation of study, work and family; and age prejudice and belonging. Findings show that returning to university is related to personal

[1] Pedagoga. Universidade Estadual do Paraná. E-mail para contato: denise.franca@unespar.edu.br

[2] Doutora em Distúrbios da Comunicação. Universidade Estadual do Paraná. E-mail para contato: denise.franca@unespar.edu.br

ISSN: 2526-8023
DOI: **10.5281/zenodo.24404982**

fulfillment and the resumption of postponed projects, but also involves technological, academic and family barriers, as well as ageism. Autonomy, self-esteem, support and belonging also emerged. The study concludes that widening access requires institutional practices attentive to different life trajectories and ages, fostering retention, participation and recognition in the university environment.

Keywords: Higher education. Generational diversity. Educational inclusion. Ageism. Student retention.

1 INTRODUÇÃO

O estudo distingue três planos analíticos: acesso (possibilidade de matrícula), permanência (condições materiais, acadêmicas e relacionais para prosseguir) e pertencimento (reconhecimento como participante legítimo da comunidade universitária). Essa distinção permite compreender por que ampliar vagas, embora necessário, não é suficiente para assegurar inclusão.

A inclusão educacional, neste artigo, é compreendida para além do ingresso formal ou de uma categoria diagnóstica: refere-se à identificação e à remoção de barreiras que restringem a participação, a aprendizagem e o pertencimento. A idade, isoladamente, não determina necessidades educacionais nem incapacidade tecnológica; contudo, trajetórias escolares interrompidas, responsabilidades de cuidado e estereótipos etários podem produzir desvantagens quando as práticas institucionais pressupõem um perfil estudantil homogêneo. Assim, a diversidade geracional constitui dimensão pertinente da equidade no ensino superior, sem equiparar automaticamente estudantes acima de 40 anos a pessoas idosas ou a pessoas com deficiência.

O perfil dos estudantes que ingressam no ensino superior brasileiro vem se tornando progressivamente mais diversificado, incluindo sujeitos que iniciam ou retomam sua trajetória acadêmica em etapas mais avançadas da vida. Entre esses estudantes encontram-se pessoas com mais de 40 anos que, por diferentes circunstâncias pessoais, familiares, profissionais e sociais, não tiveram acesso à universidade imediatamente após a conclusão da educação básica e encontram, posteriormente, a possibilidade de concretizar um projeto formativo anteriormente interrompido ou adiado.

ISSN: 2526-8023
DOI: **10.5281/zenodo.24404982**

Cruz (2022) chama a atenção para o interesse crescente de pessoas com idades mais avançadas em iniciar um curso superior, relacionando esse movimento à possibilidade de recuperar aquilo que, em outros momentos de suas trajetórias, não pôde ser realizado. Nessa perspectiva, o ingresso na universidade pode representar mais do que a busca por uma formação profissional, assumindo também o significado de realização de um projeto pessoal e de concretização de um sonho que permaneceu adiado durante parte da vida.

Entretanto, o ingresso constitui apenas uma dimensão dessa trajetória. A presença de estudantes com mais de 40 anos na universidade coloca em evidência questões relacionadas à permanência e às condições concretas nas quais ocorre a experiência acadêmica. Esses estudantes podem encontrar desafios associados à retomada dos estudos após períodos prolongados de afastamento da educação formal, à utilização das tecnologias digitais, às exigências próprias da linguagem acadêmica e à necessidade de conciliar estudo, trabalho e responsabilidades familiares. Somam-se a essas questões as relações estabelecidas com colegas de outras faixas etárias e as possíveis manifestações de preconceito relacionado à idade.

A motivação para a realização desta pesquisa originou-se da experiência vivenciada pela própria autora como acadêmica do curso de Pedagogia. A partir dessa vivência, surgiram questionamentos sobre a experiência de outros estudantes da mesma faixa etária ou mais velhos, especialmente acerca das dificuldades e dos desafios enfrentados durante a graduação, das conquistas alcançadas ao longo desse percurso e de suas perspectivas pessoais e profissionais relacionadas à formação superior.

Diante dessas questões, estabeleceu-se como problema de pesquisa: quais os desafios e dificuldades encontrados por graduandos acima de 40 anos na UNESPAR, Campus de Paranaguá?

O objetivo geral consistiu em analisar as dificuldades, os desafios e as conquistas vivenciados por alunos com mais de 40 anos que ingressaram na UNESPAR, Campus de Paranaguá.

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24404982**

A discussão torna-se relevante diante da necessidade de compreender que a ampliação do acesso à universidade envolve também reconhecer a diversidade humana em suas múltiplas expressões. Nesse sentido, a diversidade geracional integra o debate sobre inclusão e equidade educacional, pois estudantes com mais de 40 anos conjugam experiências familiares, profissionais e sociais construídas ao longo da vida com novas exigências acadêmicas. Conhecer essas experiências possibilita compreender obstáculos, estratégias de permanência e conquistas, contribuindo para práticas institucionais mais inclusivas no ensino superior.

2 ENSINO SUPERIOR E A INSERÇÃO DE ESTUDANTES COM MAIS DE 40 ANOS

A constituição do ensino superior brasileiro ocorreu de forma tardia quando comparada à experiência de outros países. Durante o período colonial, a Coroa portuguesa resistiu à criação de instituições universitárias no Brasil, de modo que aqueles que pretendiam realizar estudos superiores recorriam, sobretudo, à Universidade de Coimbra. Foi somente com a chegada da família real portuguesa, em 1808, que começaram a ser implantados cursos superiores no território brasileiro, inicialmente direcionados à formação de profissionais para atender às necessidades da administração pública (Brasil, 2013).

2.1 ESTUDANTES COM MAIS DE 40 ANOS: INGRESSO E RETOMADA DOS PERCURSOS FORMATIVOS

Nas últimas décadas, a presença de pessoas com mais de 40 anos nas instituições de ensino superior brasileiras tornou-se progressivamente mais visível. Esse movimento relaciona-se às transformações sociais, à ampliação das possibilidades de ingresso e às mudanças no próprio perfil dos estudantes universitários (Zonta; Zanella, 2022).

O ingresso ou retorno à universidade nessa etapa da vida apresenta particularidades. Diferentemente de estudantes que realizam uma trajetória escolar contínua entre a educação básica e o ensino superior, parte dos adultos que ingressa

ISSN: 2526-8023
DOI: **10.5281/zenodo.24404982**

posteriormente na universidade traz consigo percursos marcados por interrupções, responsabilidades profissionais e familiares e experiências construídas fora do ambiente acadêmico.

Quintas et al. (2014) identificaram que muitos adultos interromperam anteriormente suas trajetórias educacionais em razão de demandas relacionadas ao trabalho e à constituição da família. A decisão de retornar aos estudos pode ocorrer em um período no qual determinadas condições pessoais e financeiras se encontram mais estáveis e pode contar com o incentivo de pessoas próximas, particularmente cônjuges e filhos.

As motivações para esse retorno não se restringem à busca por melhores condições profissionais. Segundo Quintas et al. (2014), aparecem também razões relacionadas à ampliação dos conhecimentos, ao interesse por determinadas áreas e à possibilidade de concretizar um projeto anteriormente interrompido. Em alguns casos, a ascensão profissional assume importância menor, especialmente entre sujeitos que já construíram uma trajetória profissional ou se encontram próximos da aposentadoria.

Zonta e Zanella (2022) apontam que estudantes adultos ingressam em um ambiente acadêmico organizado por práticas, relações e tecnologias que podem ser bastante diferentes daquelas que fizeram parte de suas experiências escolares anteriores. Dessa forma, a inserção universitária exige não apenas a apropriação de novos conhecimentos, mas também a adaptação a determinadas formas de estudar, comunicar-se e relacionar-se próprias da universidade contemporânea.

Nesse processo, as experiências acumuladas ao longo da vida constituem uma característica relevante desses estudantes. Ao chegarem ao ensino superior, eles trazem consigo trajetórias profissionais, familiares e sociais que interferem na maneira como vivenciam a formação acadêmica. Assim, a idade não deve ser compreendida apenas como dado cronológico, mas como uma dimensão relacionada às diferentes experiências construídas ao longo do percurso de vida.

ISSN: 2526-8023
DOI: **10.5281/zenodo.24404982**

2.2 DESAFIOS, DIFICULDADES E CONQUISTAS NA EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA

O ingresso no ensino superior após os 40 anos pode representar uma conquista significativa, mas também implica enfrentar desafios específicos. Entre as questões apontadas na literatura utilizada neste estudo encontram-se a adaptação às tecnologias digitais, a retomada das práticas de estudo, as exigências acadêmicas e a necessidade de conciliar a universidade com responsabilidades profissionais e familiares.

Um dos aspectos destacados por Zonta e Zanella (2022) refere-se à relação com as tecnologias. A universidade contemporânea utiliza de maneira crescente plataformas digitais, computadores, aplicativos, bases de dados, ambientes virtuais e diferentes recursos tecnológicos para o desenvolvimento de atividades administrativas e pedagógicas. Embora as dificuldades tecnológicas não sejam exclusivas de estudantes mais velhos, os autores observam que elas podem assumir maior intensidade entre pessoas que permaneceram afastadas durante longo período da escolarização formal.

Para estudantes adultos cuja formação escolar ocorreu em contextos nos quais tais recursos não estavam presentes ou eram utilizados de maneira muito mais restrita, o ingresso na universidade pode exigir a aprendizagem simultânea dos conteúdos acadêmicos e das ferramentas necessárias para acessar esses próprios conteúdos. Zonta e Zanella (2022) apontam, nesse sentido, a existência de diferenças entre as experiências tecnológicas acumuladas pelas distintas gerações.

> Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande [...] e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real" (Goffman, 1988, p. 6).

Outro desafio diz respeito à organização da vida cotidiana. Muitos estudantes adultos precisam compatibilizar a formação superior com jornadas profissionais e responsabilidades familiares. Quintas et al. (2014) demonstram que o retorno à universidade pode demandar reorganização dos horários e dos papéis desempenhados na família, no trabalho e na vida acadêmica.

ISSN: 2526-8023
DOI: **10.5281/zenodo.24404982**

A experiência universitária desses estudantes deve, portanto, ser compreendida a partir dessa complexidade. Ao mesmo tempo em que enfrentam demandas acadêmicas e dificuldades decorrentes da necessidade de conciliar diferentes dimensões da vida, os estudantes constroem conhecimentos, relações e experiências capazes de transformar o significado atribuído à própria formação.

2.3 ETARISMO E PERTENCIMENTO NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO

Além das dificuldades relacionadas às exigências acadêmicas, tecnológicas e à organização da vida cotidiana, estudantes em idade mais avançada podem enfrentar formas de preconceito relacionadas à idade. O etarismo constitui, nesse sentido, uma questão importante para a compreensão da experiência desses sujeitos no ensino superior.

O preconceito baseado na idade, denominado etarismo e também referido por expressões como ageísmo ou idadismo, envolve atitudes discriminatórias fundamentadas em estereótipos associados à faixa etária. Nobre e Alves Neto (2023) e Medeiros (2025) destacam que essas representações podem questionar capacidades, autonomia e possibilidades de aprendizagem de pessoas mais velhas, inclusive em espaços educacionais.

No ensino superior, o etarismo pode se manifestar quando a universidade é simbolicamente compreendida como espaço destinado prioritariamente aos jovens. Nobre e Alves Neto (2023) apontam que concepções dessa natureza podem contribuir para restringir a participação de pessoas mais velhas na educação superior e reforçar a ideia equivocada de que determinados processos de aprendizagem pertenceriam exclusivamente à juventude.

O preconceito etário pode ocorrer de forma direta, mas também por meio de comportamentos, expectativas e estereótipos naturalizados. Da Costa (2022) destaca que concepções que associam o envelhecimento à perda de autonomia ou de capacidade intelectual precisam ser desconstruídas, pois desconsideram as possibilidades de aprendizagem, atualização e participação social das pessoas ao longo da vida.

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24404982**

Nesse sentido, a inserção de estudantes com mais de 40 anos no ensino superior envolve também uma dimensão de pertencimento. Estar formalmente matriculado não significa, necessariamente, sentir-se reconhecido como integrante legítimo da comunidade acadêmica. As relações estabelecidas com colegas, professores e com a própria instituição podem contribuir tanto para o acolhimento quanto para a produção de sentimentos de inadequação ou exclusão.

A discussão desenvolvida permite compreender que acesso, permanência e pertencimento se encontram interligados. A ampliação das possibilidades de ingresso representa uma conquista importante, mas não elimina dificuldades relacionadas às condições concretas de participação na vida acadêmica. Compreender essas questões constitui elemento fundamental para analisar as experiências dos estudantes participantes desta pesquisa e os significados que atribuem às dificuldades, aos desafios e às conquistas vivenciados durante sua formação universitária.

3 METODOLOGIA

Trata-se de um recorte analítico circunscrito às respostas dos 12 estudantes participantes; o corpus disponível neste manuscrito não permite afirmar representatividade estatística dos estudantes acima de 40 anos da UNESPAR. A concentração de participantes em Pedagogia deve ser considerada na interpretação e impede extrapolar os achados indistintamente a outros cursos e campi.

A pesquisa caracteriza-se como um estudo descritivo-exploratório, de abordagem predominantemente qualitativa de análise dos dados, articulada a elementos quantitativos. Essa opção metodológica esteve relacionada ao propósito de compreender os desafios, as dificuldades e as conquistas vivenciados por estudantes com idade igual ou superior a 40 anos que ingressaram na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campus de Paranaguá.

Segundo Gil (2008), as pesquisas descritivas têm como finalidade a descrição das características de determinada população ou fenômeno, enquanto os estudos

ISSN: 2526-8023
DOI: **10.5281/zenodo.24404982**

exploratórios possibilitam maior aproximação com o problema investigado, contribuindo para torná-lo mais explícito. Na presente investigação, os elementos quantitativos permitiram caracterizar aspectos objetivos relacionados aos participantes, enquanto a dimensão qualitativa possibilitou apreender percepções, sentimentos e experiências vinculados às trajetórias acadêmicas.

O universo da pesquisa foi constituído por estudantes regularmente matriculados na UNESPAR, Campus de Paranaguá, com idade igual ou superior a 40 anos e ingressantes entre os anos de 2018 e 2024. A participação ocorreu de forma voluntária, configurando uma amostragem não probabilística por conveniência, definida em razão da especificidade do público investigado.

A amostra foi composta por 12 estudantes com idade igual ou superior a 40 anos. A idade dos participantes variou entre 43 e 63 anos, sendo identificada média etária de 54 anos. Entre os participantes, predominavam estudantes do curso de Pedagogia, o que conferiu à pesquisa maior concentração no campo da formação docente.

Tabela 1 – Caracterização etária dos participantes

Indicador	Valor
Total de participantes	12
Idade mínima	43 anos
Idade máxima	63 anos
Idade média	54 anos

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Como instrumento de produção dos dados, foi utilizado um questionário elaborado pela pesquisadora e disponibilizado por meio da plataforma Google Forms. A escolha desse instrumento buscou possibilitar aos participantes maior comodidade e acessibilidade para o registro de suas percepções e experiências relacionadas à vivência universitária.

O questionário foi divulgado por canais institucionais, incluindo e-mail acadêmico e grupos internos de comunicação da UNESPAR, permanecendo

ISSN: 2526-8023
DOI: **10.5281/zenodo.24404982**

disponível para respostas durante um período de 12 semanas. A participação ocorreu de forma anônima, com preservação da identidade dos estudantes e garantia de sigilo das informações produzidas.

Para a análise das respostas às questões abertas, adotou-se como referência a Análise de Conteúdo de Bardin (2016). A partir da categorização temática, buscou-se identificar padrões, aproximações e diferenças presentes nas falas dos participantes, permitindo organizar os conteúdos produzidos de acordo com os sentidos recorrentes encontrados no material.

A análise resultou na constituição de quatro categorias temáticas: (1) motivações para o ingresso no ensino superior; (2) desafios de adaptação tecnológica e acadêmica; (3) conciliação entre estudo, trabalho e vida familiar; e (4) preconceito etário e sentimento de pertencimento institucional. Essas categorias orientaram a apresentação e a discussão dos resultados da pesquisa.

Quanto aos aspectos éticos, o estudo deriva do Trabalho de Conclusão de Curso de Iluana Santina Veiga Dolenga, desenvolvido em 2025 no curso de Pedagogia da UNESPAR, Campus de Paranaguá. A pesquisa original não foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e, portanto, não dispõe de número de parecer consubstanciado. Conforme registrado no TCC, a participação foi voluntária e as respostas foram tratadas sem identificação nominal, visando preservar a identidade dos participantes. A menção à Resolução CNS nº 510/2016 no trabalho original não constitui declaração de aprovação ou de dispensa formal de apreciação ética. A situação é aqui informada expressamente para apreciação editorial, sem reivindicar enquadramento automático nas hipóteses de não registro previstas nessa resolução.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A leitura transversal evidencia uma tensão central: o mesmo percurso universitário que promove autoestima e autonomia pode expor barreiras tecnológicas, sobrecarga de tempo e expectativas etárias depreciativas. Essas dimensões não

ISSN: 2526-8023
DOI: **10.5281/zenodo.24404982**

devem ser tratadas como atributos naturais da idade. Quando ferramentas digitais são exigidas sem mediação, quando os horários desconsideram responsabilidades de trabalho e cuidado, ou quando colegas presumem menor capacidade de aprendizagem, dificuldades individuais podem revelar obstáculos produzidos pela organização da experiência acadêmica.

As falas identificadas por letras são excertos ilustrativos das quatro categorias e não correspondem, por si só, a uma apresentação exaustiva das respostas de cada participante. Sem a matriz integral de codificação, não é possível afirmar frequência, saturação temática ou distribuição de cada categoria entre os 12 respondentes. Por isso, as interpretações seguintes enfatizam sentidos, tensões e relações entre as categorias, sem transformar a presença de um excerto em evidência de prevalência no grupo.

A partir dos procedimentos de categorização temática fundamentados na Análise de Conteúdo de Bardin (2016), as respostas foram organizadas em quatro categorias:(1) motivações para o ingresso no ensino superior; (2) desafios de adaptação tecnológica e acadêmica; (3) conciliação entre estudo, trabalho e vida familiar; e (4) preconceito etário e sentimento de pertencimento institucional.

4.1 MOTIVAÇÕES PARA O INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR

As respostas dos participantes revelam que o ingresso na universidade após os 40 anos assume significados que ultrapassam a obtenção de um diploma ou a busca imediata por qualificação profissional. Entre as experiências relatadas, destaca-se a possibilidade de realizar um projeto que, embora desejado anteriormente, não pôde ser concretizado em outros momentos da vida.

Essa dimensão aparece de maneira expressiva na fala da Estudante A: “Sempre quis fazer faculdade, mas a vida não permitiu antes. Agora é o meu momento, estou realizando um sonho que guardei por décadas.” (Estudante A)

A expressão “agora é o meu momento” evidencia que o ingresso no ensino superior é compreendido a partir de uma trajetória temporal. A universidade não aparece como um projeto que surgiu exclusivamente no presente, mas como uma

ISSN: 2526-8023
DOI: **10.5281/zenodo.24404982**

possibilidade anteriormente desejada e que precisou ser postergada diante das circunstâncias vivenciadas.

Essa relação entre formação universitária e percepção das próprias capacidades aparece na fala da Estudante B:

"Voltar a estudar foi uma forma de provar para mim mesma que ainda sou capaz." (Estudante B)

O depoimento permite observar que a decisão de retornar aos estudos não envolve somente o acesso a conhecimentos acadêmicos. Ela também se relaciona à maneira como o sujeito percebe a si mesmo e suas possibilidades. Ao afirmar a necessidade de "provar" que ainda é capaz, a participante revela que a experiência universitária se articula à reconstrução da confiança e à percepção de sua própria capacidade de aprender.

A dimensão simbólica da formação também é evidenciada pela Estudante C:

"Não é só um diploma; é recuperar a minha confiança e mostrar aos meus filhos que nunca é tarde." (Estudante C)

Nesse relato, a formação superior assume simultaneamente uma dimensão individual e familiar. Por um lado, aparece relacionada à recuperação da confiança; por outro, a experiência acadêmica é apresentada como exemplo dirigido aos filhos. A conquista, portanto, ultrapassa o próprio sujeito e passa a produzir significados no âmbito das relações familiares.

Os dados desta pesquisa indicam, portanto, que as motivações apresentadas pelos participantes não podem ser reduzidas a uma lógica exclusivamente profissional. O ensino superior aparece relacionado à realização pessoal, à recuperação de projetos, à construção da autoestima e à possibilidade de atribuir novos sentidos à própria trajetória.

Há, assim, convergência entre os resultados empíricos e o referencial teórico mobilizado no estudo. As falas dos participantes confirmam a presença de uma dimensão afetiva e simbólica no retorno ao ensino superior, associada à retomada de sonhos, à valorização pessoal e à possibilidade de reconstrução das próprias trajetórias.

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24404982**

4.2 DESAFIOS DE ADAPTAÇÃO TECNOLÓGICA E ACADÊMICA

A segunda categoria identificada na análise refere-se aos desafios relacionados à adaptação tecnológica e acadêmica. Entre as dificuldades relatadas pelos participantes, o uso das tecnologias digitais assume destaque, especialmente diante da presença crescente de plataformas, aplicativos e procedimentos informatizados nas atividades universitárias.

Uma das participantes relata:

“Tenho dificuldade com o computador. Tudo hoje é online e às vezes me sinto perdida.” (Estudante D)

A fala demonstra que a dificuldade não se restringe ao manuseio de um equipamento específico. A expressão “tudo hoje é online” evidencia a percepção de que as tecnologias digitais passaram a atravessar diferentes dimensões da vida acadêmica, tornando seu domínio necessário para realizar atividades que anteriormente poderiam ocorrer por outros meios.

Outro depoimento explicita a comparação estabelecida entre diferentes gerações:

“Os jovens fazem as tarefas no celular em minutos, e eu fico horas tentando entender como anexar um arquivo.” (Estudante E)

A fala da Estudante E apresenta duas dimensões importantes. A primeira refere-se à dificuldade concreta de utilização de determinados recursos digitais. A segunda diz respeito à comparação entre o próprio desempenho e aquele atribuído aos colegas mais jovens.

Essa diferença encontra respaldo nas discussões apresentadas por Zonta e Zanella (2022). Os autores observam que as tecnologias digitais passaram a ocupar lugar central nas práticas universitárias, tanto nas atividades pedagógicas quanto nos processos de comunicação e organização acadêmica. Para estudantes que retornam aos estudos depois de períodos prolongados de afastamento da escolarização formal, essas exigências podem representar um desafio adicional.

Isso não significa considerar estudantes mais velhos incapazes de utilizar tecnologias, tampouco estabelecer uma oposição rígida entre jovens

ISSN: 2526-8023
DOI: **10.5281/zenodo.24404982**

tecnologicamente competentes e adultos tecnologicamente inaptos. O próprio referencial utilizado no TCC reconhece que as condições de acesso e domínio tecnológico são heterogêneas. A questão está relacionada, sobretudo, às diferentes experiências construídas pelas gerações e ao período histórico no qual ocorreu a formação escolar desses sujeitos.

Nesse sentido, a dificuldade tecnológica não deve ser compreendida exclusivamente como uma característica individual do estudante. Ela também precisa ser situada em um contexto universitário no qual diferentes atividades pressupõem competências digitais que nem todos os ingressantes tiveram as mesmas oportunidades de desenvolver anteriormente.

Entretanto, os dados da pesquisa demonstram que essa dificuldade não permanece necessariamente inalterada ao longo da graduação. A fala da Estudante F é particularmente significativa:

"No começo era muito difícil, mas agora eu mesma ensino minhas colegas a usar o Google Forms." (Estudante F)

O depoimento revela uma mudança importante. A estudante que inicialmente enfrentava dificuldades passa a dominar determinado recurso e, posteriormente, a auxiliar outras pessoas. O processo de aprendizagem tecnológica, nesse caso, deixa de representar apenas uma barreira e transforma-se também em experiência de autonomia.

A comparação entre os depoimentos das Estudantes D, E e F permite perceber que as experiências tecnológicas não são estáticas. A dificuldade inicial relatada por algumas participantes convive com processos posteriores de aprendizagem e apropriação. Dessa maneira, os dados não autorizam interpretar a idade como determinante da incapacidade tecnológica; ao contrário, demonstram que as competências podem ser construídas no próprio percurso acadêmico.

Esse resultado é particularmente relevante porque desloca a interpretação de uma suposta limitação inerente à idade para a compreensão de um processo de aprendizagem. A estudante que precisa de mais tempo para realizar determinada atividade digital não é necessariamente incapaz de desenvolvê-la. O relato da

ISSN: 2526-8023
DOI: **10.5281/zenodo.24404982**

Estudante F demonstra justamente a possibilidade de passagem da dificuldade inicial para uma situação de domínio suficiente para compartilhar conhecimentos com outras pessoas.

A análise evidencia, portanto, uma relação marcada simultaneamente por dificuldade e superação. Se inicialmente as diferenças nas experiências tecnológicas podem provocar insegurança e exigir maior investimento de tempo, o percurso universitário também possibilita a construção de novas competências. Os resultados convergem, nesse aspecto, com Zonta e Zanella (2022) e De Jesus Cândido et al. (2023), ao evidenciarem os desafios relacionados às tecnologias, mas demonstram igualmente que esses desafios podem ser enfrentados e ressignificados pelos próprios estudantes.

Assim, as dificuldades tecnológicas identificadas na pesquisa não devem ser interpretadas como evidência de inadequação dos estudantes com mais de 40 anos ao ensino superior. Elas revelam diferentes trajetórias de contato com as tecnologias e reforçam a importância de compreender que os sujeitos chegam à universidade trazendo experiências formativas distintas. Ao longo da graduação, a apropriação desses recursos pode converter uma dificuldade inicial em conquista acadêmica e pessoal.

4.3 CONCILIAÇÃO ENTRE ESTUDO, TRABALHO E VIDA FAMILIAR

A terceira categoria evidencia que a experiência universitária dos participantes não ocorre de forma isolada das demais dimensões de suas vidas. Ao ingressarem ou retornarem ao ensino superior após os 40 anos, esses estudantes já apresentam trajetórias pessoais, profissionais e familiares consolidadas e, em muitos casos, precisam incorporar as exigências acadêmicas a uma rotina anteriormente organizada em torno de diferentes responsabilidades.

“Trabalho o dia inteiro, cuido da casa e ainda estudo à noite. É cansativo, mas gratificante.” (Estudante G)

A fala evidencia a sobreposição de diferentes papéis sociais. A condição de estudante passa a coexistir com responsabilidades profissionais e domésticas que

ISSN: 2526-8023
DOI: **10.5281/zenodo.24404982**

não são suspensas em razão do ingresso na universidade. Nesse contexto, o tempo destinado às atividades acadêmicas precisa ser organizado em meio às demais obrigações cotidianas.

Esse resultado encontra correspondência nas análises de Quintas et al. (2014), que discutem as alterações provocadas pelo retorno ao ensino superior na vida pessoal, familiar e social de estudantes adultos. Para esses autores, frequentar uma graduação em uma etapa da vida na qual já existem rotinas profissionais e familiares estruturadas demanda reorganização de horários e redistribuição de responsabilidades.

A experiência da Estudante H reforça essa relação entre permanência acadêmica e vínculos familiares:

"Às vezes penso em desistir, mas lembro que estudo também pelos meus filhos." (Estudante H)

Nesse depoimento, a família não aparece apenas como uma dimensão que exige tempo e responsabilidade. Ela também assume a função de incentivo para a continuidade dos estudos. O mesmo contexto familiar que participa da complexidade da rotina pode, portanto, constituir fonte de motivação e sentido para a permanência universitária.

A fala revela ainda que a continuidade no curso não ocorre necessariamente sem momentos de dúvida ou cansaço. A possibilidade de desistência é mencionada de forma explícita, o que permite compreender a permanência como um processo construído cotidianamente, e não como consequência automática do ingresso.

> Em tempos de transformação das políticas e práticas voltadas ao ensino superior, novas vozes passam a compor o corpo discente das IFES brasileiras, engendrando estudos sobre suas condições de ingresso e permanência." (Zonta; Zanella, 2022, p. 12).

Essa dimensão aparece na fala da Estudante I:

"Aprendi a ter paciência comigo mesma. Hoje valorizo cada conquista, por menor que pareça." (Estudante I)

O depoimento desloca a análise da organização externa da rotina para uma dimensão subjetiva do processo formativo. A permanência na universidade exige não

ISSN: 2526-8023
DOI: **10.5281/zenodo.24404982**

apenas administração de horários, mas também elaboração das próprias expectativas e reconhecimento dos diferentes ritmos de aprendizagem.

Os depoimentos analisados demonstram, assim, que conciliar estudo, trabalho e vida familiar representa uma condição relevante da experiência desses estudantes. Essa conciliação pode produzir sobrecarga, cansaço e momentos de dúvida, mas também aparece vinculada à satisfação pela realização do projeto acadêmico e ao sentimento de servir de exemplo para familiares.

A permanência no ensino superior, nesse contexto, constitui uma construção que exige reorganização cotidiana. Os resultados não permitem afirmar que essa experiência ocorra da mesma forma para todos os estudantes com mais de 40 anos, mas evidenciam que, entre os participantes desta pesquisa, a multiplicidade de papéis sociais constitui uma dimensão central de suas trajetórias universitárias.

4.4 PRECONCEITO ETÁRIO E SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO INSTITUCIONAL

A quarta categoria reúne relatos relacionados ao preconceito etário e às formas pelas quais os participantes percebem sua inserção e seu pertencimento ao ambiente universitário.

Entre os depoimentos, aparecem situações nas quais a diferença de idade é percebida como elemento que interfere nas relações entre colegas. A Estudante J afirma:

"Sinto que às vezes os mais jovens me olham como se eu fosse a mãe deles." (Estudante J)

A fala sugere uma percepção de distanciamento geracional. Embora não descreva necessariamente uma ação discriminatória explícita, evidencia uma experiência na qual a estudante percebe que sua idade interfere na maneira como é posicionada simbolicamente na relação com os colegas mais jovens.

Outro relato aponta dificuldade semelhante nas interações acadêmicas:

"Em trabalhos em grupo, percebo que preferem se juntar entre eles." (Estudante K)

ISSN: 2526-8023
DOI: **10.5281/zenodo.24404982**

Nesse caso, a percepção de exclusão aparece vinculada diretamente às atividades acadêmicas coletivas. A preferência dos estudantes mais jovens pela formação de grupos entre si pode produzir nos participantes mais velhos um sentimento de distanciamento e menor integração.

Esses relatos dialogam com Medeiros (2025), cuja discussão, mobilizada no TCC, problematiza as formas pelas quais o espaço universitário pode reproduzir representações que associam juventude, competência e legitimidade acadêmica. Quando determinados grupos são percebidos como mais adequados ao ambiente universitário em razão da idade, a diversidade geracional pode converter-se em desigualdade simbólica.

Os dados desta pesquisa, entretanto, revelam que a experiência dos participantes não se resume a situações de afastamento ou preconceito. Também aparecem relatos de acolhimento e integração.

A Estudante L afirma:

"Os professores sempre me apoiaram, e minhas colegas me tratam com respeito." (Estudante L)

Esse depoimento demonstra que as relações estabelecidas no espaço universitário também podem constituir importante fonte de apoio. O reconhecimento por professores e colegas favorece uma experiência acadêmica marcada pelo respeito e pela possibilidade de participação.

"Apesar de algumas piadinhas, sinto que conquistei meu espaço." (Estudante A)

A expressão "apesar de" demonstra que a experiência universitária pode conter dimensões contraditórias. A presença de "piadinhas" sugere manifestações relacionadas à diferença etária, mas a participante afirma, ao mesmo tempo, ter conquistado seu espaço.

ISSN: 2526-8023
DOI: **10.5281/zenodo.24404982**

4.5 CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE O REFERENCIAL TEÓRICO E OS RESULTADOS EMPÍRICOS

A análise conjunta das quatro categorias permite identificar aproximações entre os resultados produzidos nesta investigação e as discussões apresentadas no referencial teórico. Ao mesmo tempo, determinados relatos evidenciam nuances que impedem interpretações generalizantes sobre a experiência dos estudantes adultos no ensino superior.

O quadro a seguir sintetiza as relações estabelecidas entre os principais eixos analíticos, os autores utilizados no estudo, as falas dos participantes e a interpretação construída a partir dos dados.

Quadro 1 – Convergências e divergências entre o referencial teórico e os resultados empíricos

Eixo analítico	Referencial teórico	Resultados empíricos	Síntese interpretativa
Motivações para o ingresso	Cruz (2022); Zonta e Zanella (2022) – retomada dos estudos associada à realização pessoal e à ressignificação de trajetórias.	"Agora é o meu momento"; "Nunca é tarde."	Convergência: o ingresso no ensino superior aparece como realização de um projeto anteriormente adiado e como experiência de valorização pessoal.
Adaptação tecnológica	Zonta e Zanella (2022); De Jesus Cândido et al. (2023) – diferenças geracionais no contato com tecnologias digitais e possibilidades de aprendizagem.	"Me sinto perdida com o computador"; "Agora eu mesma ensino minhas colegas."	Convergência: há dificuldades iniciais, mas os relatos demonstram também aprendizagem, apropriação tecnológica e construção de autonomia.
Conciliação estudo–trabalho–família	Quintas et al. (2014); Da Costa (2022) – reorganização das rotinas e dos papéis sociais no retorno à universidade.	"Trabalho o dia inteiro e estudo à noite"; "Estudo também pelos meus filhos."	Convergência: a sobreposição de responsabilidades produz cansaço, mas a formação também assume significado pessoal e familiar.
Preconceito etário e pertencimento	Medeiros (2025); Nobre e Alves Neto (2023) – manifestações do etarismo e da exclusão simbólica no espaço universitário.	"Sinto que me olham como se eu fosse a mãe deles"; "Conquistei meu espaço."	Divergência parcial: aparecem manifestações de diferenciação e preconceito, mas também experiências de apoio, respeito e pertencimento.

Fonte: elaborado a partir dos dados da pesquisa (2025).

Os resultados sugerem, assim, que ampliar o acesso ao ensino superior constitui apenas uma das dimensões da democratização universitária. As

ISSN: 2526-8023
DOI: **10.5281/zenodo.24404982**

experiências analisadas evidenciam também a importância das condições de permanência, das relações estabelecidas no ambiente acadêmico e do reconhecimento das diferentes trajetórias que constituem a diversidade geracional presente na universidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as limitações, destacam-se a amostragem por conveniência, o pequeno número de participantes, a predominância do curso de Pedagogia e a utilização de respostas autodeclaradas em questionário on-line, que pode não alcançar estudantes com maior dificuldade de acesso digital. Os dados não permitem inferências causais nem generalização estatística; sua contribuição é exploratória e contextualizada.

Como implicação para a educação inclusiva, os achados sugerem acolhimento acadêmico intergeracional, orientação inicial sobre ambientes digitais, apoio à leitura e à escrita universitária e canais de escuta para situações de discriminação etária. São possibilidades institucionais derivadas da interpretação dos relatos, não intervenções avaliadas por esta pesquisa. A análise também recomenda evitar abordagens paternalistas que presumam fragilidade ou déficit de todos os estudantes adultos.

Os resultados demonstraram que as motivações para o ingresso no ensino superior estão fortemente relacionadas à realização de projetos pessoais, à retomada de sonhos adiados e à reafirmação da própria capacidade de aprender. Nesse sentido, a universidade não aparece apenas como espaço de obtenção de uma titulação, mas também como possibilidade de reconstrução da confiança, ampliação de conhecimentos e atribuição de novos sentidos às experiências construídas ao longo da vida.

Entre as dificuldades identificadas, destacaram-se aquelas relacionadas à adaptação às tecnologias digitais e às exigências acadêmicas. Os relatos demonstraram que alguns participantes vivenciaram insegurança diante de ferramentas e procedimentos informatizados presentes no cotidiano universitário.

ISSN: 2526-8023
DOI: **10.5281/zenodo.24404982**

Entretanto, a pesquisa evidenciou igualmente processos de aprendizagem e superação, mostrando que a dificuldade inicial não significa incapacidade permanente.

A pesquisa também evidenciou manifestações relacionadas ao preconceito etário. Alguns participantes relataram situações nas quais perceberam distanciamento por parte de colegas mais jovens, especialmente em atividades coletivas, além de referências à idade presentes nas relações acadêmicas. Tais experiências demonstram que o etarismo pode constituir uma barreira simbólica à plena participação de estudantes mais velhos no espaço universitário.

Por outro lado, os resultados não permitem caracterizar a experiência desses estudantes apenas pela discriminação. Também foram relatadas situações de acolhimento, apoio de professores, respeito entre colegas e construção progressiva do sentimento de pertencimento. Essa coexistência entre dificuldades e experiências positivas evidencia a complexidade das relações intergeracionais presentes no ambiente universitário.

Nesse contexto, as instituições de ensino superior precisam reconhecer a diversidade geracional como parte constitutiva da diversidade presente no espaço acadêmico. Isso implica considerar as diferentes experiências formativas, profissionais e familiares dos estudantes e desenvolver práticas pedagógicas e institucionais capazes de favorecer sua efetiva participação.

Declaração sobre o uso de Inteligência Artificial Generativa

Durante a preparação deste manuscrito, foi utilizada ferramenta de inteligência artificial generativa (ChatGPT, OpenAI) como apoio à revisão linguística, reorganização textual e adequação da redação ao formato de artigo científico. A definição do problema, o referencial teórico, os procedimentos metodológicos, os dados empíricos, as categorias de análise, a interpretação dos resultados e as conclusões são de responsabilidade das autoras.

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24404982**

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **História da educação superior no Brasil**. Brasília, DF: MEC, 2020.

CANDIDO, Ana Karoline de Jesus *et al.* Tecnologias digitais na terceira idade: implicações e desafios no processo ensino-aprendizagem. **Ação pedagógica**: dimensões técnicas, humanas e político-sociais, [s. l.], p. 123, 2023.

CERUTTI-RIZZATTI, M. G.; DELLAGNELO, A. Multiletramentos e tecnologias digitais no ensino superior: desafios e possibilidades. **Revista Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 19, n. 1, p. 11-29, 2016.

COSTA, Helen Vieira da *et al.* Inserção da pessoa idosa no ambiente acadêmico e os desafios do etarismo na sociedade contemporânea. **Revista Humana**, [s. l.], 2022.

CRUZ, Nadir Eugenia da. **O ingresso à universidade pública de estudantes acima de 50 anos**: desafios, dificuldades de permanência e perspectivas futuras. Rio de Janeiro: UFRJ, 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

MEDEIROS, Ana Lúcia Bezerra de. **Escrevivência de uma "eterna aprendiz" 50+**: (re)existência ao etarismo na universidade do século XXI. 2025. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades) - Instituto Humanitas de Estudos Integrados, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2025.

MENDONÇA, Tânia Regina Broeitti. Brasil: o ensino superior e as primeiras universidades – Colônia, Império e Primeira República. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL ESTADO E POLÍTICAS SOCIAIS NO BRASIL, 2., 2005, Cascavel. **Anais [...]**. Cascavel: Unioeste, 2005. v. 2.

NOBRE, Luciana Abrantes; ALVES NETO, Manoel. Envelhecer para a educação: o problema do idadismo no ensino superior. *In*: SEMANA NACIONAL DE HISTÓRIA: OS SERTÕES EM QUESTÃO: MEMÓRIAS, REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES, 13., 2023, Cajazeiras. **Anais [...]**. Cajazeiras: Universidade Federal de Campina

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24404982**

Grande, 2023. Disponível em: https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/40217. Acesso em: [inserir data de acesso, ex: 20 nov. 2026].

PAULA, Maria de Fátima de. A formação universitária no Brasil: concepções e influências. **Avaliação**: Revista da Avaliação da Educação Superior, Campinas; Sorocaba, v. 14, n. 1, p. 71-84, 2009. DOI: https://doi.org/10.1590/S1414-40772009000100005.

QUINTAS, Helena *et al.* Estudantes adultos no ensino superior: o que os motiva e o que os desafia no regresso à vida académica. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 27, n. 2, p. 33-56, 2014. DOI: https://doi.org/10.21814/rpe.6245.

SILVA, Rosângela Santos. **Estudantes com mais de 40 anos na UNILAB (Campus dos Malês)**: há etarismo entre nós? 2024. 14 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ. **Detalhamento das idades dos acadêmicos matriculados na UNESPAR de 2018 a 2025**. Curitiba: UNESPAR, 2025. Disponível em: https://prograd.unespar.edu.br/assuntos/graduacao/base-de-dados/2025/detalhamento-das-idades-dos-academicos-matriculados-na-unespar-de-2018-a-2025. Acesso em: 24 set. 2026.

ZONTA, Graziele Aline; ZANELLA, Andréa Vieira. Sentidos da vivência universitária para estudantes com mais de 40 anos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 27, e48550, 2022. DOI: https://doi.org/10.4025/psicolestud.v27i0.48550.

Recebido em 20/09/2026
Versão corrigida recebida em 20/10/2026
Aceito em 13/11/2026
Publicado online em 20/11/2026